

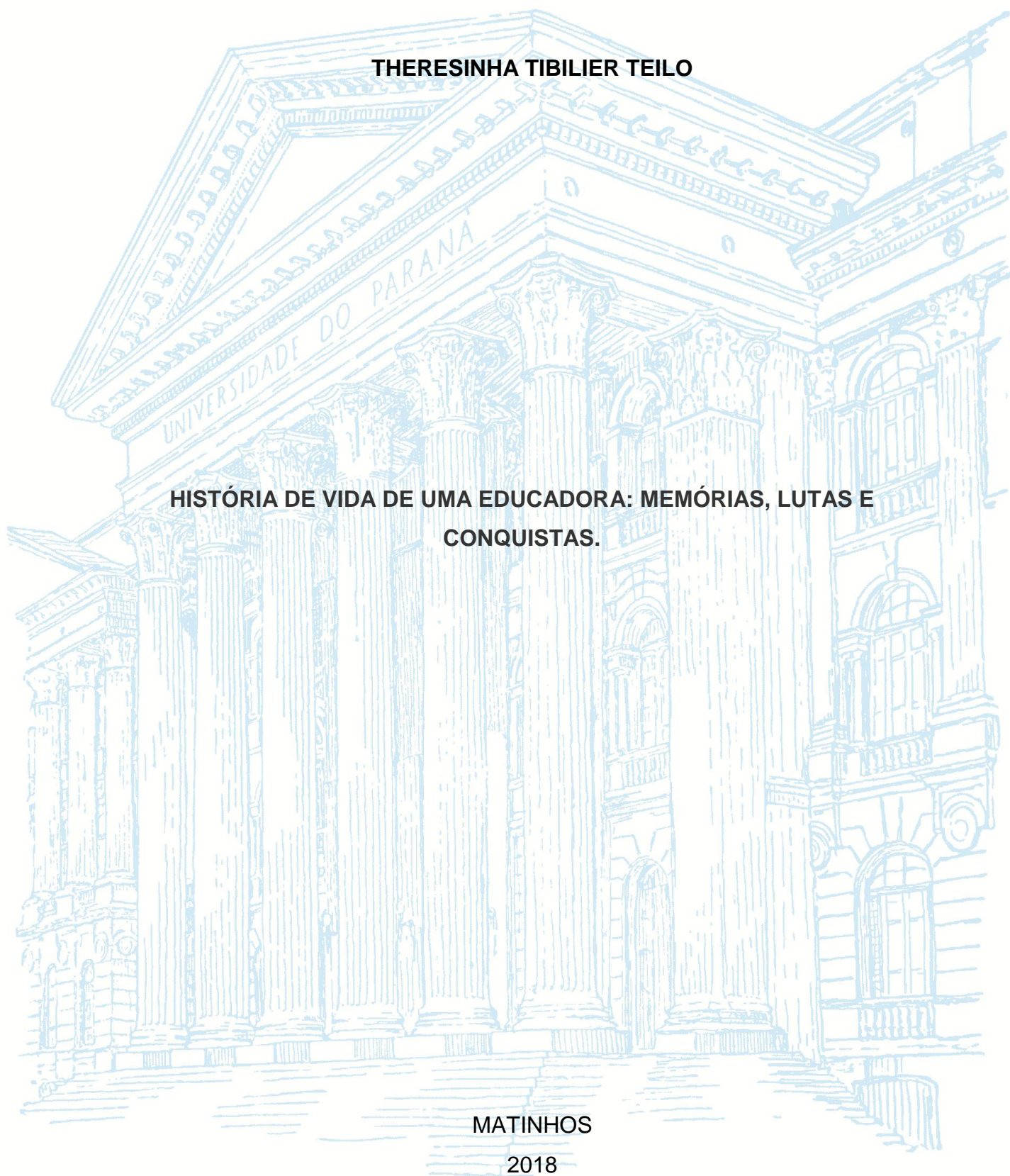
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

THERESINHA TIBILIER TEILO

**HISTÓRIA DE VIDA DE UMA EDUCADORA: MEMÓRIAS, LUTAS E
CONQUISTAS.**

MATINHOS

2018



THERESINHA TIBILIER TEILO

**HISTÓRIA DE VIDA DE UMA EDUCADORA: MEMÓRIAS, LUTAS E
CONQUISTAS.**

TCC apresentada ao curso de Graduação em Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Ciências da Natureza, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo habilitação em Ciências da Natureza.

Orientadora: Prof(a). Msc(a) Andressa Kerecz Tavares

MATINHOS

2018

TERMO DE APROVAÇÃO

THERESINHA TIBILIER TEILO

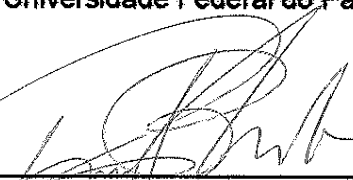
HISTÓRIAS DE VIDA DE UMA EDUCADORA: MEMÓRIAS, LUTAS E CON- QUISTAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Educação do Campo, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Educação do Campo com habilitação em Ciências da Natureza.



Profa. Andressa Kerecz Tavares

**Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza
Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná**



Prof. Roberto Gonçalves Barbosa

**Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza
Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná**



Prof. Adalberto Penha de Paula

**Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza
Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná**

Matinhos, 09 de dezembro de 2018.

Dedico esta, bem como todas as minhas demais conquistas aos meus amados filhos que foram à força que sempre me impulsionou a continuar estudando e nunca desistir perante as adversidades com o objetivo de lhes prover uma vida digna.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por manter sempre vivo a minha esperança de que dias melhores viriam e de poder realizar o sonho de concluir o ensino superior.

Aos meus filhos Catia, Claudia, Stela, Paulo, Milton Casemiro e Paula Letícia, que foram à motivação para eu nunca desistir.

A todos os professores que enriqueceram meus conhecimentos e contribuíram para formar novas turmas de profissionais engajados com a proteção com o Meio Ambiente.

E principalmente a minha professora orientadora Andressa, que me forneceu todo o apoio necessário para tornar a realização de minha autobiografia possível.

Aos meus colegas de curso, principalmente a Maiara, a Deusilene, a Jussara, Adriana e a Cecília, que com carinho e paciência me auxiliaram durante a trajetória acadêmica e contribuíram para que eu seguisse até o fim.

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo descrever como era a vida das mulheres cerroazulenses entre o período de 1951 a 2018, com o trabalho no campo para subsistência familiar desde a infância. E traz a triste realidade vivida pelas mulheres brasileiras que sofrem com violência doméstica, que não escolhe cor, etnia ou classe social. Além de abordar a Educação no Campo as expectativas versus realidade. Onde foi utilizada a metodologia de trabalho inspirada na metodologia das histórias de vida ou método (auto) biográfico.

PALAVRAS-CHAVE: História de vida. Método autobiográfico. Questões de gênero. Violência doméstica. Educação do Campo.

ABSTRACT

This monograph aims to describe how was the life of the women of cerroazulenses between the period from 1951 to 2018, with the work in the field for family subsistence from childhood. And it brings the sad reality lived by Brazilian women who suffer from domestic violence, who do not choose color, ethnicity or social class. In addition to addressing Education in the Field the expectations versus reality. Where was used the methodology of work inspired by the methodology of life histories or (auto) biographical method.

KEY WORDS: History of life. Autobiographical method. Gender issues. Domestic violence. Field Education.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| FIGURA 1 - MAPA DE CERRO AZUL | 21 |
| FIGURA 2 - SIMBOLOS MUNICIPAIS | 26 |
| FIGURA 3 - CERRO AZUL VISTO DE CIMA | 27 |
| FIGURA 4 - RAFTING EM CERRO AZUL | 27 |
| FIGURA 5 - MAPA REGIONAL DE CERRO AZUL-PR..... | 29 |
| FIGURA 6 - MEUS PAIS | 30 |
| FIGURA 7 - CASA DE MEUS PAIS | 31 |
| FIGURA 8 - THERESINHA E AMILTON | 34 |
| FIGURA 9 - EM CURSO COM MEU FILHO MILTON CASEMIRO | 35 |
| FIGURA 10 - FORMATURA DE MINHA FILHA CATIA | 35 |
| FIGURA 11 - COLÉGIO ESTADUAL PRINCESA ISABEL | 38 |
| FIGURA 12 - ESCOLA MUNICIPAL FLORENTINA DE ARAÚJO | 39 |
| FIGURA 13 - EU TRABALHANDO COLÉGIO ESTADUAL PRINCESA ISABEL | 40 |
| FIGURA 14 - EU EM ATIVIDADES DE CAMPO NA FACULDADE..... | 41 |
| FIGURA 15 - FAMILIA CATIA MONICA..... | 42 |
| FIGURA 16 - FAMILIA CLAUDIA MARCIA..... | 43 |
| FIGURA 17 - FAMILIA STELA LOURDES..... | 43 |
| FIGURA 18 - BISNETA SOFIA..... | 44 |
| FIGURA 19 - FAMILIA PAULO CESAR..... | 44 |
| FIGURA 20 - NETO PABLO..... | 45 |
| FIGURA 21 - FAMILIA MILTON CASEMIRO..... | 45 |
| FIGURA 22 - FAMILIA PAULA LETICIA..... | 46 |

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – PANORAMA DA VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES NO BRASIL ..21

SUMÁRIO

| | | |
|----------------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 16 |
| 2 | REVISÃO DE LITERATURA | 18 |
| 2.1 | A IMPORTANCIA DOS TRABALHOS AUTOBIOGRÁFICOS PARA A FORMAÇÃO DE EDUCADORES DO CAMPO TÍTULO DA SEÇÃO SECUNDÁRIA ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO. | |
| 2.2.1 | MULHERES QUE SOFREM VIOLENCIA DOMESTICA NO CAMPO | |
| | ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO. | |
| 2.2.1.1 | EDUCAÇÃO RURAL E EDUCAÇÃO DO CAMPO | |
| | ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.2 | |
| 3 | MINHA HISTÓRIA DE VIDA. | 29 |
| 3.1 | FASE 1 – INFÂNCIA, ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE..... | 29 |
| 3.2.1 | FASE 2 - CASAMENTO E VIDA ADULTA..... | 33 |
| 3.2.1.1 | FASE 3 - A UNIVERSIDADE, NETOS, BISNETOS, VIDA FUTURA..... | 41 |
| 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 48 |
| | REFERÊNCIAS | 49 |

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo trata de um projeto autobiográfico que nasce da necessidade de apresentar informações sobre a violência sofrida pelas mulheres, mães, trabalhadoras do campo cerroazulenses por meio de narrativas de vivências de minha vida em família e trajetória profissional, visto que os números em sua maioria ficam ocultos pelo medo e pela vergonha de tornar públicas as agressões sofridas.

Para o desenvolvimento de tal projeto abordo temas como: a importância dos trabalhos autobiográficos para formação de educadores do campo; Mulheres que sofrem violência no campo; e a diferença de educação rural e educação do campo.

Este trabalho é uma descrição de como foi minha vida até o momento atual, acredito que minha experiência represente muitas situações vividas por mulheres camponesas que viveram desde meados do século 20, aproximadamente 1951 até 2018, e sofreram todas as adversidades possíveis por questões econômicas, de gênero, familiares como violência doméstica, falta de acesso a escolaridade e etc.

Mas que motivada pela fé e esperança de que dias melhores viriam e consciente de que o estudo é uma porta que pode nos levar a diversas direções e nos torna capaz de enxergar muito além da atual realidade limitada seja pelo medo ou pressão familiar, todas podemos de alguma forma superar esses momentos difíceis através da educação e do trabalho que nos torna independente de outras pessoas para nosso sustento, sem dever satisfações a ninguém, e com isso conseguimos transformar nossas realidades e das pessoas próximas.

Na função de Educadora durante mais de trinta anos em Instituições Escolares, conheci milhares de crianças, adolescentes, mulheres, hoje adultas que sempre me chamavam de Tia Tereza ou Tia Terezinha, na rotina diária de trabalho acabo conhecendo as suas histórias de vida, suas batalhas diárias para chegar até ali e conto um pouco da minha experiência de vida e de como a educação mudou e muda minha vida continuamente, com ela evolui de uma vida miserável para uma aposentadoria estabilizada economicamente graças aos estudos que nunca paro e ao meu trabalho, esta troca que existe entre nós educador e educando é uma alimento para alma pois muitas vezes alguns educandos precisam apenas de uma

palavra de carinho ou de um abraço e eu com certeza ganho muito mais do que eles eu recebo satisfação pessoal.

O principal objetivo deste trabalho é fazer uma autobiografia com detalhes sobre as questões pessoais e familiares, profissionais, econômicas, educacionais vividas por mim no campo e no Município de Cerro Azul no período de 1951 até 2018. Através da autobiografia é possível perceber as transformações ocorridas em múltiplos aspectos na vida das mulheres de Cerro Azul conforme os tempos.

Realizar resgates das memórias de vida de Theresinha Tiblier Teilo abordando vários aspectos pessoais, familiares, econômicos, educacionais, profissionais, transformações no município, nas relações humanas e de gênero, nas escolas do campo e da Sede.

Neste trabalho optei pela metodologia autobiográfica como meio de reflexão sobre meu ser e sobre minha vida. Conforme Souza (2004) as lembranças e as escritas levam o sujeito a uma dimensão de “auto-escuta de si mesmo como se estivesse contando para si próprio suas experiências e aprendizagens que construiu ao longo da vida”.

Esta opção metodológica justifica-se pela minha vasta experiência de vida no campo e nos espaços escolares, eu posso olhar para minha experiência de vida como camponesa, mulher, mãe, trabalhadora e trazer lembranças históricas de como era a vida em Cerro Azul desde a metade do século 20, desde 1951 até os dias atuais.

A dinâmica do resgate de minhas lembranças foi feita juntamente com a minha filha mais nova Leticia, por meio de relatos de como foi a minha infância até a fase de atual de eminente aposentadoria e conclusão da faculdade, um momento de grande nostalgia onde rimos e choramos juntas sendo muitas vezes por saudade de um tempo que teve momentos de muito sofrimento, mas houve também muitas alegrias e vitórias.

Em que foram enumerados os fatos mais importantes por data e evolução dos acontecimentos entre eles cito: o meu nascimento na zona rural de Cerro Azul, rotinas da vida no campo, ingresso na escola, lazer, Casamento, momentos de tribulações, os nascimentos de meus filhos, e minha inserção no mercado de trabalho, constante aperfeiçoamento profissional e finalmente a realização de um sonho a conclusão do curso superior.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Conforme o texto de (ANTUNES. M. P., 2011 p. 43) aponta que na sociedade em que vivemos, a formação é essencial e em um mercado de trabalho cada vez mais competitivo é necessário uma aprendizagem continua.

E os frutos que colhi na vida foram devido a ter plantados boas sementes que foram os muitos cursos de aperfeiçoamentos profissionais realizados durante minha trajetória de vida.

Em minha rotina, além de mãe, como funcionária, de uma instituição de ensino, pude verificar que a educação inicia-se no contexto familiar e vai se aperfeiçoando, aperfeiçoa-se nos contextos escolares, nos contextos profissionais, contextos culturais, associativos desportivos e recreativos todo o conhecimento adquirido ao longo de seu crescimento serve para formar um cidadão consciente de seus deveres e obrigações perante a sociedade em que vive.

Algo que observo nos dias de hoje é de que os pais querem repassar a responsabilidade de educar para as escolas. [...] Na minha época ai se a professora reclamasse de algum comportamento inadequado à surra de papai estava garantida, foi em casa aprendi os valores morais que repassei aos meus filhos e procuro repassar aos educandos da Instituição em que trabalho um pouco da minha vivência.

Ao levantar o material biográfico pude verificar que a história de vida, por meio da qual o adulto vai se formando, não é uma história linear, mas sim estruturada em fases ou ciclos marcados por momentos significativos. Os quais foram por mim relatados pela passagem de acontecimentos importantes, e, em última análise, formativos, uma vez que imprimiram mudanças e alterações nos percursos de vida mediante a integração de novas aprendizagens, descobertas e significados.

2.1. A IMPORTÂNCIA DOS TRABALHOS AUTOBIOGRÁFICOS PARA A FORMAÇÃO DE EDUCADORES DO CAMPO.

A discussão sobre Pesquisa Autobiografia, Histórias de vida e História da Educação tem possibilitado ampliar as questões teórico-metodológicas e, especialmente as relacionadas a produção, visibilidade de outras fontes e

perspectivas de pesquisas e apresentam novos esforços para uma compreensão das práticas educativas e escolares dos educandos de escolas do campo.

Segundo (ANTUNES M.P. 2011, p. 50), cada história de vida descreve, efetivamente, uma história pessoal e única, uma singularidade impossível de generalizar, resultante de uma vivência pessoal e contextualizada.

Com minha experiência, pretendo descrever por meio de uma obra autobiográfica as relações pessoais que tive com a escola do campo e ser útil como fonte para a elaboração da história da educação, ao traduzir meus sentimentos e dar significados individuais das memórias, histórias e relações sociais com as escolas em que estudei e trabalhei.

Com o intuito de ajudar a entender que a diversidade de alunos é grande no campo, e em como suas realidades são muito diferentes dos alunos das escolas da sede, exigindo do educador uma adaptação de conteúdos como forma de aproximar e auxiliar ao educando a realizar a associação dos conteúdos aplicados com a prática.

A realidade de aluna de escola do campo que vivenciei foi a de uma turma multiseriada em que uma professora tinha que lidar com alunos de idades e de séries diferentes em um mesmo espaço, e para tanto recebia um salário apenas e exercer diversas atividades entre elas além de lecionar, cuidar da turma e zelar pela limpeza da sala de aula.

2.2.1. MULHERES QUE SOFREM COM A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO CAMPO.

A violência contra a mulher ainda é um problema cultural do Brasil, a falta de denúncias motivada pelo medo leva a dados inexpressivos e o crime e dificulta políticas públicas efetivas.

O conceito de violência contra as mulheres, adotado pela Política Nacional, fundamenta-se na definição da Convenção de Belém do Pará (1994), segundo a qual a violência contra as mulheres constitui “qualquer ação ou conduta, baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto no âmbito público como no privado” (Art. 1º). A definição é, portanto, ampla e abarca diferentes formas de violência contra as mulheres, tais como:

1. A violência doméstica ou em qualquer outra relação interpessoal, em que o agressor conviva ou haja convivido no mesmo domicílio que as mulheres e que

compreende, entre outras, as violências física, psicológica, sexual, moral e patrimonial (Lei 11.340/2006)

2. O termo é utilizado no plural, para dar visibilidade às diversidades raciais, étnicas, geracionais, de orientação sexual, de deficiência e de inserção social, econômica, regional e territorial existentes entre as mulheres.

3. A violência ocorrida na comunidade e seja perpetrada por qualquer pessoa e que compreende, entre outros, violação, abuso sexual, tortura, tráfico de mulheres, prostituição forçada, sequestro e assédio sexual no lugar de trabalho, bem como em instituições educacionais, estabelecimentos de saúde ou qualquer outro lugar. A violência perpetrada ou tolerada pelo Estado ou seus agentes, onde quer que ocorra (violência institucional).

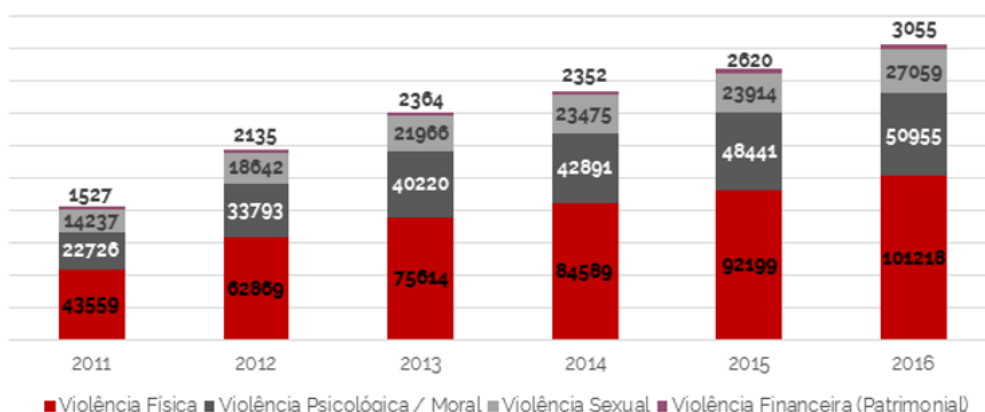
A Violência doméstica contra mulheres geralmente envolve questões afetivas e emocionais importantes, em geral o agressor é companheiro da vítima, pai de seus filhos, o que dificulta o rompimento da relação afetiva, mesmo em um contexto de violência. Daí a tendência de a vítima não tomar qualquer atitude contra o agressor quando ocorre a primeira agressão, por se culpar pela violência sofrida, por esperar que o comportamento violento cesse, ou, ainda, por temer pela sua integridade física ou de seus filhos.

Os registros dos relatos de violência realizados pelo Ligue 180 são muito importante por constituírem uma rica fonte de informações acerca da violência sofrida por mulheres, permitindo diagnósticos para o melhor desenho e avaliação da adequabilidade de políticas públicas destinadas ao seu enfrentamento.

Conforme se verifica a partir da análise do Gráfico 1, no âmbito dos serviços de saúde, o registro de violência física tem sido predominante, seguido da violência psicológica ou moral e da violência sexual, sendo a violência financeira (ou patrimonial) a que apresentou o menor número de registros.

Com isso é possível verificar que o número de registros de agravos relativos à violência interpessoal praticada contra mulheres tem crescido ano a ano. Contudo, é preciso analisar esse dado com cuidado, pois, mais do que um indicativo de aumento da violência, tal constatação provavelmente reflete um aumento no registro das agressões.

GRÁFICO 1 – PANORAMA DA VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES



Fonte: Panorama da Violência Contra as Mulheres no Brasil (BRASILIA, 2018)

Eu infelizmente fui uma das mulheres que ampliaram essa estatística de violência a qual por medo e vergonha de meus pais, não revelava o que acontecia dentro de minha casa, muitas vezes na frente de meus filhos, sendo na maioria das vezes lesão corporal e ameaças de morte por meu companheiro principalmente em momentos que se encontrava alcoolizado. Muitas foram às vezes que tive que buscar refúgio na casa de familiares, conhecidos e até no meio do mato durante a noite, para resguardar minha integridade física e a de meus filhos.

Na época em que sofri por diversas vezes violência doméstica era comum no Município de Cerro Azul, as mulheres de meu convívio entre elas cunhadas, vizinhas e até mesmo minha sogra, todas sofriam diversos tipos de violência doméstica, seja moral ou física, em silêncio por não terem a quem recorrer e meios de sobreviver com suas proles sem o auxílio do marido, não possuindo nenhuma qualificação profissional, nem apoio de órgãos públicos que as acolhessem.

Até pouco tempo atrás as mulheres desconheciam as Leis que as amparassem, e atualmente graças a ampla divulgação dada pela mídia e do *180 que apura denúncias de violência doméstica e de uma maior punição aos agressores com o intuito de inibir novos ataques, posso perceber que em nossa cidade após serem aplicadas medidas protetivas em favor das mulheres e a prisão dos agressores houve uma redução do número de casos, pois as mulheres estão sendo orientadas desde a infância sobre seus direitos.

No campo isso era muito comum, algumas mulheres não captaram o verdadeiro espírito da lei Maria da Penha em vigor desde agosto de 2006. Normalmente, os pecuaristas e agricultores têm posses (dinheiro) e as mulheres

ficam mais intimidadas por receio de por falta estrutura ficarem desamparadas sem ter como e para onde voltar para casa.

A denúncia pela central de atendimento a mulher 180, e o diálogo podem ajudar a combater a violência, recomenda-se que em caso de agressão a mulher denuncie seu agressor para evitar que ele continue a praticar o crime movido pela sensação de impunidade, pois a partir do momento em que o homem agride e lesiona a mulher e não acontece nada, a mulher não procura os órgãos policiais, ele passa a ameaçá-la e coagi-la.

No Município de Cerro Azul temos um grande problema, pois não existe uma delegacia ou espaço para acolhimento para mulheres que sofrem violência doméstica, somente na capital Curitiba há delegacias especializadas a proteção à mulher. Muitas mulheres também precisam além de um lugar para ficar necessitam de um acompanhamento psicológico, pois o trauma causado pelos atos cometidos por companheiros muitas vezes são feridas que não cicatrizam.

2.2.1.1. A EDUCAÇÃO RURAL E EDUCAÇÃO DO CAMPO.

É um direito do povo o acesso à educação no Brasil e um dever do Estado provê-la, direito esse garantido por meio de lei. Porém historicamente, podemos constatar que, até as primeiras décadas do século XX, a educação era privilégio de poucos, principalmente no meio rural, onde houve pouco investimento na implementação de um sistema educacional que atendesse as necessidades dos sujeitos do campo.

Essa situação fez com que a população do campo fosse privada do acesso às políticas e serviços públicos em geral, o que contribuiu para o aceleramento do processo de êxodo rural dos jovens que partem em busca de melhores condições de vida e oportunidades de trabalho na capital do estado e região metropolitana.

A educação rural foi sempre predominantemente vista como algo que atendia a uma classe da população que vivia num atraso tecnológico, com poucos recursos e alienada ao que acontecia no mundo, subordinado, a serviço da população dos centros urbanos onde todo o material educativo era voltado a alunos que dispunha de amplos recursos tecnológicos, variados materiais didáticos, bibliotecas, jornais e revistas a disposição.

Como forma de corrigir isso, se tornou necessário o reconhecimento da heterogeneidade dos sujeitos sociais que vivem e/ou trabalham no campo, com seus diferentes modos de vida. E a construção de uma escola com estratégias de desenvolvimento sustentável, de inclusão social e política, oportunizando o acesso aos conhecimentos e às inovações que são requisitadas para a transformação da realidade produtiva, ambiental, política e social dos povos do campo.

Cito alguns problemas das escolas do campo de minha época de estudo: falta de infraestrutura nas escolas; docentes desqualificados; falta de renovação pedagógica; currículo e calendário escolar alheio à realidade do campo; professores/as com visão de mundo urbano, uma visão de agricultura patronal; falta de formação específica para os docentes. Além de que para continuar os estudos do ensino médio se fazia necessário o deslocamento dos estudantes para estudar na cidade, algo que elevava as estatísticas da evasão escolar.

SEGUNDO (SECAD 2, 2007, p. 14) “Nesse contexto, as escolas do campo são aquelas que têm sua sede no espaço geográfico classificado pelo IBGE como rural, assim como as identificadas com o campo, mesmo tendo sua sede em áreas consideradas urbanas. Essas últimas são assim consideradas porque atendem a populações de municípios cuja produção econômica, social e cultural está majoritariamente vinculada ao campo”.

Porém não basta criar propostas educacionais que atendam exclusivamente à população do campo, sem que haja a preocupação de valorizar suas características regionais históricas e culturais; além de formular políticas públicas e projetos políticos pedagógicos que atendam ao povo do campo de forma diferenciada no âmbito educacional, sem que esse sofra mudanças comportamentais e precise acompanhar a visão urbana necessária, porém não exclusiva e que os estimulem a vencer os desafios e alcancem os sonhos de uma educação de qualidade ao aluno do campo.

Com a modificação na esfera verbal – os estabelecimentos passam a ser denominados ‘escolas do campo’, não rurais. As mudanças não param por aí; currículos, métodos didáticos e o calendário escolar passam também por profundas mutações, agora levando em consideração o contexto de cada lugar.

A proposta de um modelo de educação diferenciada para os sujeitos do meio rural surge da iniciativa dos movimentos sociais, em particular o Movimento dos Sem Terras – MST, em oposição ao paradigma de educação que se tinha e até hoje se

percebe como excludente e, sobretudo, impositora de conteúdos prontos organizados a partir do cotidiano do meio urbano que, por sua vez se reproduz nas escolas do campo.

O que vivenciei em minha vida escolar, foi à utilização de materiais didáticos fornecidos pelo governo, sendo o mesmo para todas as escolas, o que dificultava um pouco nossa aprendizagem, pois muitas vezes não acompanhávamos a associação dos conteúdos que exibiam exemplos muito diferentes da nossa realidade rural. Tive que interromper meus estudos por falta de meio de transporte e horário e aulas que não eram favoráveis aos trabalhadores rurais, pois a continuidade dos estudos somente se daria em escolas da sede. [...] meu pai não me permitiu continuar os estudos longe de casa.

ASPECTOS HISTÓRICOS E SOCIAIS.

O Município de Cerro Azul teve sua origem com a Colônia Assunguy, fundada no ano de 1860, ao norte de Curitiba. Os primeiros administradores da Colônia foram Barata Ribeiro, Manoel Nabuco e José Borges. A Colônia prosperou rapidamente e já em 1872, era elevada à categoria de Freguesia com o nome de Serro Azul e invocação de Nossa Senhora da Guia, pertencente, então, ao Município de Votuverava (hoje, Rio Branco do Sul). Em 1882, fica elevada à categoria de Vila, a Freguesia de Nossa Senhora da Guia do Serro Azul, com a denominação de Vila do Assunguy.

Em 1885, teve a sua denominação alterada para Serro Azul, em virtude de estar próxima do morro de igual nome, o qual pertence a uma ramificação da Serra Geral.

Em 1897, passou à categoria de Cidade, como sede do Município de Serro Azul e, em 1929 foi mudada a grafia de Serro Azul para Cerro Azul.

As atividades do município permaneceram praticamente estacionárias até o ano de 1940, quando a construção da estrada de rodagem, ligando Cerro Azul à rodovia São Paulo-Curitiba, permitiu o escoamento efetivo de sua produção, essencialmente agrícola e pastoril.

DADOS GERAIS

Aniversário: 27 de outubro

Fundação: 1882

Gentílico: Cerroazulense

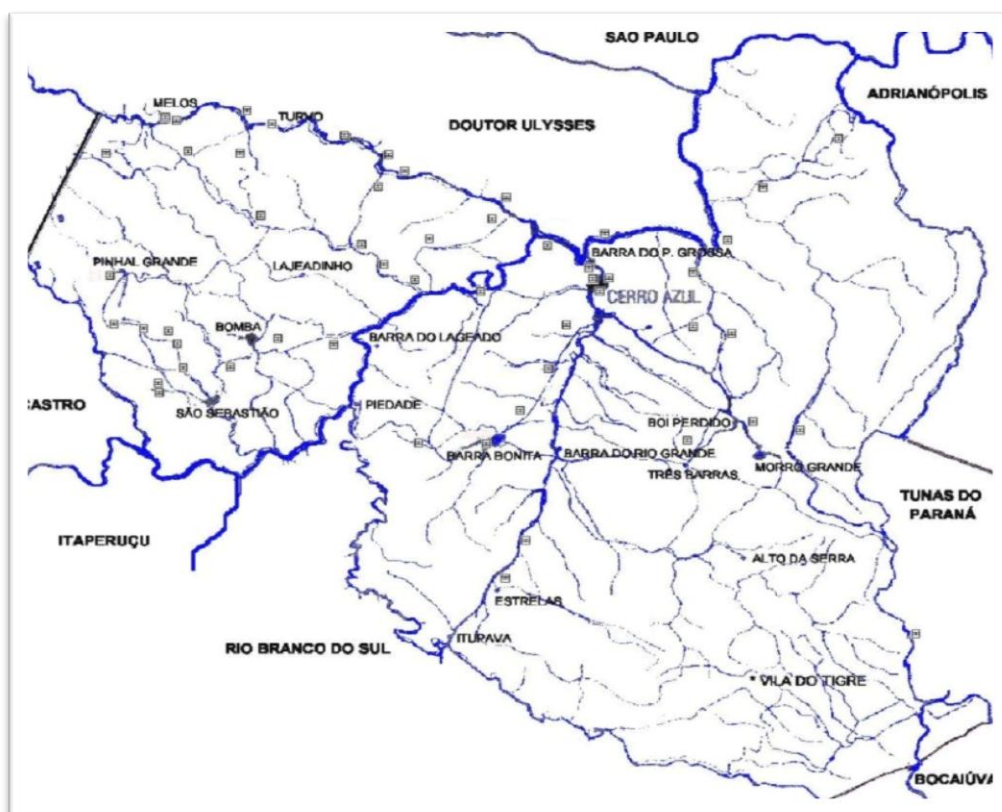
Prefeito Atual: PATRIK MAGARI

GEOGRAFIA

Sua Área é de **1.341,19 km²** representando **0,67 %** do Estado, **0,24 %** da Região e **0,02 %** de todo o território brasileiro.

Seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0,68 segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano/PNUD (2000).

FIGURA 5 - MAPA REGIONAL DE CERRO AZUL-PR



Fonte: Arquivo Prefeitura Municipal de Cerro Azul

POPULAÇÃO

População Estimada: 18.460 Habitantes: (Fonte IBGE 2008)

INDICADORES DE DESENVOLVIMENTO HUMANO

Esperança de Vida ao Nascer: 70,17 Anos

Renda per Capita: 123,80 reais

Taxa de Alfabetização de Adultos: 75,52

Taxa de Frequencia Escolar: 65,26

Taxa de Mortalidade 5,00 por Mil

Taxa de Mortalidade Infantil: 38,06 por Mil

Taxa de Natimortalidade: 10,38 por Mil

FIGURA 3 – IMAGEM AEREA DE CERRO AZUL



Fonte: Arquivo Prefeitura Municipal de Cerro Azul

Cerro Azul está voltada para o turismo rural, ecoturismo e turismo de aventura como as descidas de rafting no Rio Ribeira, as caminhadas no meio rural e os banhos de rio e cachoeiras.

O município também é conhecido como “Capital da laranja” devido a grande produtividade de cítricos, tornou-se conhecido pela grande exploração de pinus e pela extração de minérios na região, sendo a mais antiga a Mineradora Nossa Senhora do Carmo.

Além da natureza exuberante, o Município também conta com belas casas com arquiteturas históricas que preservam um pouco da história da cidade. Temos um rico artesanato elaborado a partir da taboa, sementes, taquaras, palhas e com uma gastronomia diferenciada com rapaduras, leitoa desossada, frango caipira, bolachas de melado e a famosa cachaça artesanal.

Uma região cercada de montanhas, seus bairros afastados, dentre os qual Lajeado Grande que constituem campo para ótimo lazer ao contato com a natureza. Uma de suas maiores atrações da cidade é a Festa da Laranja que apresenta ao Estado os produtos produzidos pela agricultura local, e ocorre na segunda semana do mês de junho de cada ano com apresentações gospel, shows sertanejos, bandas locais, apresentação da Rainha e das princesas da festa.

Algo que percebo que foi um marco na história de Cerro Azul, foi a construção do asfalto da PR-092 que liga a nossa cidade ao Município de Rio Branco do Sul, que nos trouxe mais agilidade no deslocamento até a capital Curitiba.

Como pontos positivos: além de melhorar nossa qualidade de vida, acelerou a entrega de produtos da agricultura familiar ao Ceasa de Curitiba e agilizou o escoamento da safra de Laranja um dos pontos forte da nossa região. Trouxe novas empresas, ampliou o número de agências bancárias, abrindo com novas oportunidades de trabalho aos nossos jovens.

Como Pontos negativos, vejo o aumento da violência, atualmente todas as agências bancárias do Município foram assaltadas, e o crescente aumento do número de roubos e furtos a residências, de celulares, carros e motos na região.

3. MINHA HISTÓRIA DE VIDA:

FASE – 01

3.1 Infância, adolescência e juventude.

Trata-se de um relato de fatos relevantes da história de minha vida desde o nascimento, casamento, nascimento de meus dois filhos, inserção no mercado de

trabalho, lutas para subsistência da família, tribulações vividas em meu casamento e histórias de superação onde mostro que é possível tornar sonhos possíveis basta você estudar e trabalhar para isso.

Nasci no dia 13 de maio de 1951, na localidade rural de Caçadorzinho, Município de Cerro Azul, Estado do Paraná, distante 15 km da sede, nasceu Theresinha Tibilier, filha de Tertuliano Tibilier e Maria Matias Tibilier, ambos lavradores, o parto ocorreu na residência da família pelas mãos de uma parteira de nome desconhecido, em virtude de não existir hospitais na região nesta época.

FIGURA 6 – FOTO MEUS PAIS



Fonte: Arquivo Pessoal

Sou a filha mais velha de seis irmãos, sendo eles: Leoni Tibilier, Odete Tibilier, Vidal Tibilier, Marli Tibilier e Sandra Tibilier.

Fomos todos criados trabalhando na lavoura desde a infância, plantávamos milho, feijão, laranja, criávamos porcos, galinhas, gado, e o excedente era vendido para complementar a renda da família.

Mamãe ajudava cuidando da casa e vendendo ovos e frangos para poder comprar roupas para os filhos, foi uma época difícil para uma família grande de baixa renda.

Era praticado o escambo que é a troca de produtos para consumo entre vizinhos e conhecidos, como não se possuía salário para garantir o abastecimento

da família realizava-se a compra no caderno (com pagamentos anuais) em comerciantes que confiavam na palavra e comprometimento de meu pai.

A nossa alimentação era totalmente orgânica, vivíamos do que plantávamos, comíamos batata doce assada, aipim, broa de milho, broa de batata doce, frango caipira, porco caipira, frutas e verduras. Mamãe fazia latas de carne com banha de porco que era a forma utilizada para conservar a carne e não estragar, porque não existia geladeira.

Nesta época não havia energia elétrica, nem água tratada, tomávamos banhos no rio e em dias frios, fervia-se a água do banho e eram utilizados gamelas de pau, não havia banheiro somente privada de madeira construída pelas próprias famílias.

Papai vendeu o terreno de Caçadorzinho quando tinha eu tinha a idade de dez anos, então nos mudados para chácara da localidade Ribeirão dos Porcos, na Rua Via Rio Branco, atualmente denominada Rodovia Gertrudes da Rosa, distante 4 km da sede do Município, a qual vivi toda minha infância.

FIGURA 7 - CASA DE MEUS PAIS



Fonte: Acervo pessoal

Com onze anos iniciei minha trajetória escolar, na Escola Municipal do Ribeirão do Scheffer que era situada na localidade do Ribeirão do Scheffer via Rio Branco atualmente chamada de Vila Scheleider, escola a qual não existe mais.

Fiz a primeira, segunda e terceira série em um turma multisseriada com a professora Noemia Bichels, era uma professora de idade avançada, muito doente,

que faltava bastante, mas mesmo assim aprendemos muito mais coisas que as crianças de hoje em dia.

Era uma Escola com paredes de barro, as carteiras eram bancos de madeira, não tínhamos banheiro, o lanche a gente levava de casa, por exemplo: garrafa de leite de cabrita, batata doce assada entre outros. Tratava-se de uma construção cedida pelo cunhado da professora, enquanto cursava a terceira série primária foi construída uma nova escola de madeira logo em frente, porém eu não estudei nela, apenas meus irmãos. Um fato curioso é que em 1982 fui professora nessa nova escola de madeira, durante seis meses, mesmo sabendo apenas ler e escrever e sem concluir os estudos tinha muita vontade e dedicação, fazia cursos e sempre buscava ser a melhor que podia na época.

Para continuar os estudos da quarta série teríamos que nos deslocar para outra escola da Sede, porém o horário das aulas era das 15:00 às 19:00 horas, não havia transporte escolar, e o meu pai era um homem muito rígido e não me permitiu continuar os estudos, tive que abandonar a escola para trabalhar na lavoura.

Um fato relevante que vem ocorrendo recentemente em Cerro Azul, é o fechamento de muitas escolas rurais, sendo o motivo alegado pelos gestores municipais a queda no número de alunos matriculados, tornando-se assim inviável financeiramente manter funcionando uma Instituição de ensino com um quadro amplo de funcionários entre eles professores, zeladores e merendeira, nestes casos foi optado pelo fechamento/agrupamento de algumas escolas rurais, com a utilização de transporte para a escola mais próxima.

Vejo isso como um fato negativo, ao afastar as crianças de escolas próximas a sua residência, dificulta o acompanhamento e a observação pelos pais e responsáveis, além de ser cansativo para o aluno que muitas vezes ficam com fome por ter que se alimentar muito cedo para esperar o transporte escolar, a situação de vulnerabilidade em que se encontram tendo que conviver com crianças mais velhas sem acompanhamento de um adulto, e por muitas crianças sofrerem nos dias de hoje preconceito social por não terem condições financeiras de se vestir conforme os alunos da sede.

Para nos divertir nós íamos a Igreja da sede, fizemos catequese e comunhão, nos tornamos filhas de Maria, participávamos de Romarias e Pixirão que eram como se fosse um fandango paranaense, uma reunião com muita dança – podendo ser batidas, valsadas ou mistas, dançados nos sítios por ocasião do

encerramento da safra onde vizinhos ajudavam nos trabalhos de roçada ou plantação.

Como forma de libertar-me da opressão sofrida pelo meu pai, achei que o casamento era a solução, mas como errei, troquei uma prisão por outra mil vezes pior. Casei-me com dezoito anos, no dia 26 de julho de 1969, com meu primeiro e único namorado Amilton Altevir Teilo, a revelia de meu pai que implorou para que eu não me casasse, porém teimei e disse-lhe: eu caso e caso, nem que seja para morar debaixo da ponte, e quase passei por isso.

FASE 2

3.2.1 Casamento e vida adulta:

Minha história de vida assim como de muitas mulheres brasileiras teve muitas lutas, visto que o primeiro Código Civil brasileiro, aprovado em 1916, reafirmou muitas das discriminações contra a mulher. Com o casamento, a mulher perdia sua capacidade civil plena. Cabia ao marido a autorização para que ela pudesse trabalhar, realizar transações financeiras e fixar residência. Além disso, o Código Civil punia severamente a mulher vista como ‘desonesta’, considerava a não virgindade da mulher como motivo de anulação do casamento. As mulheres casadas – ou sob o pátrio poder – eram consideradas incapazes juridicamente, como as crianças, os portadores de deficiência mental, os mendigos e os índios.

Sendo que desde a formação da sociedade brasileira, as mulheres foram excluídas de todo e qualquer direito político. Por exemplo, a Carta Outorgada do Império (1824) e a primeira Constituição da República (1891) não lhes concederam o direito de votar e nem de serem votadas. Uma situação que persistiria até as primeiras décadas do século XX. Eram, portanto, consideradas cidadãs de segunda categoria, não apenas no Brasil, mas também em quase todos os países do mundo.

A partir desta data a minha trajetória de vida mudou drasticamente de uma jovem feliz com muitos sonhos e ilusões para uma vida de muitas privações, traumas e martírios diários. Eu não conhecia o lado violento de meu esposo, nem de seu uso excessivo de bebidas alcoólicas, após o casamento sofri muita violência doméstica, passei inclusive por muitos episódios em que corri risco de morte eminente em que era ameaçada com faca e revólver geralmente por motivo de um ciúme doentio de meu marido, que existiam apenas em sua cabeça.

FIGURA 8 - THERESINHA E AMILTON

Fonte: Arquivo Pessoal

Fugia com frequência para casa de meus pais quando sofria tais ameaças, porém acabava voltando para casa a pedido de minha sogra e por ter medo das ameaças de meu marido que dizia atentar contra a vida de meus pais. Isso ocorreu diversas vezes. Este casamento não chegou ao fim apesar de todo sofrimento por meu medo e por falta de estrutura e de não ter para onde ir com meus filhos.

Quando minha filha mais nova contava com a idade de 14 anos, falei pra ele: quer me matar me mate, quer assar minha carne asse, a partir de hoje sou um passarinho livre, vou embora, eu vivo minha vida e você a sua da forma que quiser.

FIGURA 9 - EM CURSO COM MEU FILHO MILTON CASEMIRO.



Fonte: Arquivo Pessoal

FIGURA 10 – FORMATURA DE MINHA FILHA CATIA.



Fonte: Arquivo Pessoal

Sai de casa com meus dois filhos mais jovens, deixei a casa que construí com todos os moveis dentro pra ele, e recomecei do zero fui morar em uma pequena casa alugada de um cômodo, por um período vivi de cesta básica fornecida pelo governo até pagar os parques móveis adquiridos entre eles uma cama, geladeira,

uma pia e um fogão, o salário da época era de R\$ 210,00, não dava para todas as despesas.

Após algum tempo tive infelizmente que lidar com o vício do álcool mais uma vez, meu filho mais novo infelizmente acabou seduzido pelo vício do álcool, foi internado, sofreu recaídas e desde então eu vivo com ele para lhe dar apoio moral, emocional e financeiro, nunca desamparei meu filho mesmo muitas vezes ele não querendo minha presença, é uma batalha árdua, mas o amo profundamente e nunca vou desistir dele enquanto eu viver.

Sempre fui à pessoa responsável pela subsistência do meu lar e de meus seis filhos sendo quatro meninas e dois meninos, fui mãe e pai deles durante toda a minha vida, durante o seu crescimento sempre lhes dizia que a maior herança que eu posso deixar a vocês são os estudos, por isso sempre os incentivei a estudar e se sustentar pra não precisar depender financeiramente e emocionalmente de outra pessoa, do quanto isso é nocivo a um relacionamento.

Dos meus seis filhos, quatro meninas e dois meninos. Todas as filhas concluíram o estudo superior, a Catia e a Stela são professoras de ensino fundamental, formadas em Geografia pela UEPG, a Claudia é formada em Administração Pública e é Servidora Pública Federal (gerente da Agência de Correios de Cerro Azul), a Leticia formada em Administração de Empresas é sócia-proprietária de Uma Corretora de Seguros, já os meus filhos o Paulo e o Casemiro possuem curso técnico em Vigilância.

Não podia contar com o auxílio de ninguém, meus sogros eram pessoas ricas e nada faziam para aliviar meu sofrimento e de meus filhos, passávamos inúmeras necessidades, residíamos em uma casebre de madeira que nem banheiro tinha, contávamos com uma torneira fora de casa, cozinhas em fogão a lenha todos dormiam amontoados uns com outros, o dia em que comprei meu primeiro fogão a gás, fui agredida em frente a meus filhos por não pedir autorização ao marido.

Devido a tantas privações e a necessidade de prover melhores condições de vida para meus filhos aprendi a costurar para fazer roupas para eles, fazer tricô para agasalhá-los no frio, dormíamos em colchões de palha, com acolchoado feito com recheio de roupas velhas. Fiz alguns cursos de panificação e de salgados, o que me ajudou a sustentar meus filhos com a venda de pastéis, coxinhas e sonhos pelas ruas e nos portões dos principais colégios da sede da cidade.

Tive uma experiência curta como professora, ocorrida em meados do ano de 1981 onde trabalhei por seis meses na Escola do Ribeirão do Scheffer substituindo minha cunhada que estava de licença médica.

Foi um momento de pura magia onde pude por um curto período realizar meu sonho de infância que era o de ser professora. Era uma classe multiseriada de 1ª a quarta série, contava com aproximadamente vinte alunos, lá eu atuava como professora, merendeira e zeladora e me sentia realizada. Os conteúdos eram repassados por meio da cartilha fornecida pelo governo estadual e a utilização do quadro negro e tarefas no caderno.

Nessa época durante três anos implorava a várias pessoas por emprego, e finalmente meu compadre e minha cunhada, intervieram e devido a minha história de vida e de muita necessidade, me deram uma oportunidade de emprego no ano de 1984 para o cargo de auxiliar de serviços gerais na Escola Estadual Florentina de Araújo.

Escola de ensino fundamental de primeira a quarta série com 240 alunos mais ou menos, na qual trabalhei durante dez anos exercendo o cargo de zeladora e merendeira, fazia de tudo um pouco, devido a instituição contar com um número reduzido de funcionários. Um comparativo que faço hoje em dia é de que as crianças de antigamente respeitavam muito mais os professores e funcionários das escolas, pois os pais de antigamente educavam seus filhos em casa na maioria sob supervisão das suas mães que não trabalhavam fora. Vejo muitos educadores enfrentando muita dificuldade em dominar as turmas em que lecionam, creio que devido as crianças de hoje em dia exigirem seus direitos e deixarem de lado suas obrigações e deveres como educandos.

No ano de 1985 realizei o concurso para servidora do estado do Paraná na mesma Instituição que trabalhava, e graças a ser casada e aos meus filhos abençoados (pois o número de filhos foi o critério de desempate) alcancei êxito e consegui passar no concurso, o qual assumi em 14 de abril de 1986 passei a ser Servidora Pública do Estado do Paraná cargo em que me encontro até hoje.

No período dos quinze anos subseqüentes conclui o ensino primário, fiz supletivo de 5ª a 8ª série na Rua Treze de Maio, na cidade Curitiba, período em que contei com muita ajuda de uma grande amiga que trabalhava como secretária da saúde municipal e me ajudava com o transporte diário para a Capital e continuar os estudos.

Contei também com a ajuda de meu Chefe o Diretor da época que compreendia quando precisava me ausentar para estudar, pois conhecia minhas lutas e batalhas para sobreviver. Para não prejudicar meu serviço contei com a ajuda de pessoas amigas que me substituíam no meu trabalho, nesta época ainda cursava no período noturno o 1º ano do segundo grau, e em 2000 finalmente conclui o ensino médio no Colégio Estadual Princesa Isabel.

No ano de 1994 fui transferida durante o governo Jaime Lerner devido a Escola Florentina de Araújo ter passado de Escola Estadual para Escola Municipal, iniciei então minhas atividades como Servido Pública no Colégio Estadual Princesa Isabel, local em que me encontro até hoje. Uma Escola de porte maior contava com 1400 alunos, ensino de que quinta a oitava série e de primeiro, segundo e terceiro grau.

FIGURA 11 - COLÉGIO ESTADUAL PRINCESA ISABEL



Fonte: Arquivo Pessoal Cidionir Porfirio.

FIGURA 12 - ESCOLA FLORENTINA DE ARAÚJO



Fonte: Arquivo Pessoal Cidionir Porfirio.

A função que exerço até hoje é a mesma de Auxiliar de Serviços Gerais, hoje renomeada para de Educacional I, na qual realizo tarefas de limpeza da Instituição de forma geral, e atualmente além das tarefas de limpeza sou porteira no período noturno, cuido da entrada e saída dos educadores e educandos da Instituição.

FIGURA 13 – EU TRABALHANDO NO COLÉGIO ESTADUAL PRINCESA ISABEL.



Fonte: Arquivo Pessoal.

De lá pra cá não parei mais de estudar, fiz o curso para Garçom em 2007, Curso Técnico de Administração de Empresas em 2008, Informática em 2009, Escoteiros em 2013, Técnica em Serviços Públicos também em 2013. Fiz prova do Enem para testar meus conhecimentos e arrisquei realizar meu sonho de fazer curso superior.

Prestando o vestibular para o curso de Ciências da Natureza, UFPR Matinhos Litoral, disputei a vaga com uma centena de concorrentes entre eles alguns colegas de trabalho, qual foi a minha surpresa passei e entre uma das melhores classificada, corri atrás juntei toda a documentação necessária e cruzei os dedos, deu tudo certo e já se passaram sete períodos chegando a reta final.

No dia 10 de março de 2018, faleceu meu esposo Amilton Altevir Teilo, não vivíamos mais como marido e mulher, mas construímos uma família juntos, apesar dos momentos tristes, ele foi o grande amor da minha vida e foi muito triste ver seu sofrimento, a causa da morte foi de câncer além de várias complicações em diversos órgãos, depois décadas de tabagismo e devido a se automedicar quando teve o diagnóstico nada se podia ser feito.

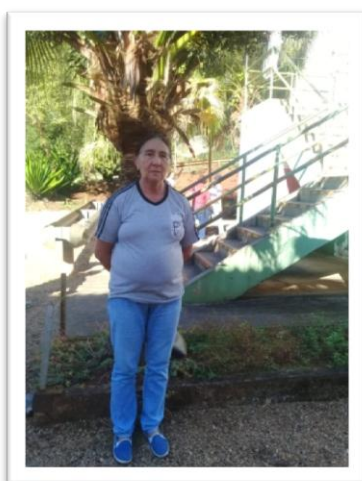
Vi minhas filhas se desdobrarem para cuidar do pai, que nunca as tratou com carinho e amor, mas elas assim como eu, o perdoaram e o trataram com todo o respeito e amor, eu me orgulhei muito delas durante o mês em que cuidaram dele. Principalmente minha filha Stela que o recebeu em sua casa e cuidou dele com zelo e presteza com o apoio de uma cuidadora. Todas o perdoaram e o amaram no curto espaço de tempo em que foi descoberta a doença até o último instante estavam todas ao seu lado amparando e lhe dando uma despedida digna.

A morte dele foi tão impactante ele estava internado no Hospital de Cerro Azul, e sobreviveu até que nosso filho Paulo viesse de Minas Gerais é uma viagem bem longa, o médico havia dito que ele duraria apenas até uma da tarde e ele resistiu até o filho chegar a uma da manhã, minutos após o filho abraçá-lo ele deixou este mundo serenamente. Fiquei tremendamente abalada com sua partida, revivi toda a nossa vida por vários dias repassei memórias, me despedi e estou em paz pois, fiz tudo o que podia para vivermos bem enquanto casados, fui uma boa esposa, mãe e o amparei financeiramente quando ele mais precisou e hoje sigo em frente guardando principalmente as boas recordações.

FASE 3.2.1.1 - A UNIVERSIDADE, NETOS, BISNETOS, VIDA FUTURA.

Ao refletir sobre tudo o que vivi até hoje posso avaliar que evolui muito com meus estudos, e continuo a pensar que o estudo é o que lhe garante um futuro promissor, continuo batendo nesta tecla com meus filhos, netos e bisnetos.

FIGURA 14 - EU EM ATIVIDADES DE CAMPO NA FACULDADE



Fonte: Arquivo pessoal.

A universidade e o curso de Licenciatura em Educação do Campo Ciências da Natureza influenciaram a minha vida de forma totalmente positiva, abrindo meus olhos para o entorno, as pessoas, a natureza e de que sou capaz de ser um agente influenciador na minha casa e no meu trabalho.

Além dos benefícios que a qualificação profissional trouxe para minha carreira como Servidora Pública, pude crescer como pessoa com os conhecimentos adquiridos no curso de Licenciatura em Educação do Campo habilitação em Ciências da Natureza mudou minha maneira de pensar e de agir em relação ao mundo, como um todo, passei a enxergar além do meu quintal, e a refletir sobre a importância de meu papel como responsável por ele.

Hoje vejo que sou capaz de levar as novas gerações de educandos um pouco do que aprendi sobre a intensa geração de resíduos sólidos e de como pequenas atitudes fazem toda a diferença.

Algo que me chamou a atenção durante o curso foi a respeito da intensa utilização de agrotóxicos agrícolas, que além de poluir o meio ambiente contaminam o solo, o ar e as águas, tenho hoje a consciência de como tudo isso afeta nossas

vidas e a nossa saúde, e consigo ter a visão do impacto causado por ele a gerações futuras.

Realizei o curso, pois foi um assunto que me interessava muito explorar com mais profundidade.

Tenho seis filhos lindos vou contar agora sobre como eles estão hoje. A minha filha mais velha é a Catia está com 48 anos, estado civil separada, atua como professora e exerce atualmente o cargo de vice-diretora na instituição em que trabalha, é formada em Geografia, tem uma filha de Bruna com 26 anos a qual mora em Arcos, Estado de Minas Gerais, cria sozinha o casal de netos (meus bisnetos) João Guilherme com 11 anos e Renata com 09 anos.

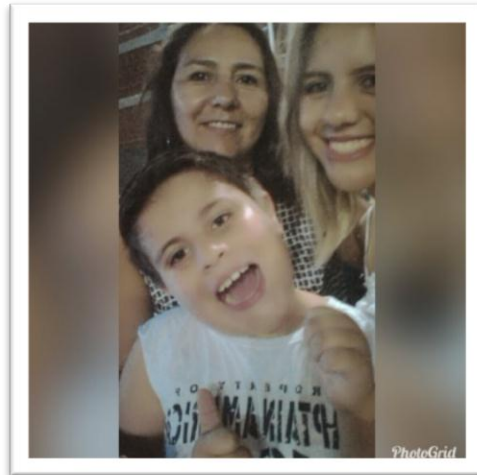
FIGURA 15 – FAMÍLIA CATIA MONICA



Fonte: Arquivo Pessoal.

Minha filha Claudia Marcia, está com 46 anos, estado civil casada com Edilson Lopes Agricultor, atua como Servidora Pública Federal (Gerente da Agência de Correios de Cerro Azul), formada em Administração Pública, tem um casal de filhos a Monique de 22 anos graduanda em Direito e o Edilson Gabriel com 9 anos.

FIGURA 16 – FAMÍLIA CLAUDIA MARCIA



Fonte: Arquivo Pessoal.

Minha filha Stela Lourdes, está com 41 anos, estado civil separada, formada em Geografia, atua como Professora de ensino fundamental na Escola Municipal Florentina de Araújo, tem 4 filhos dois meninos o primeiro Marcio Felipe com 21 anos e o segundo Emanuel com 12 anos e duas meninas Marcia Gabriela de 18 anos e Marcela com 16 anos, e possui uma neta minha bisneta Sofia filha de meu neto Marcio Felipe.

FIGURA 17 – FAMÍLIA STELA LOURDES



Fonte: Arquivo Pessoal.

FIGURA 18 – BISNETA SOFIA



Fonte: Arquivo Pessoal.

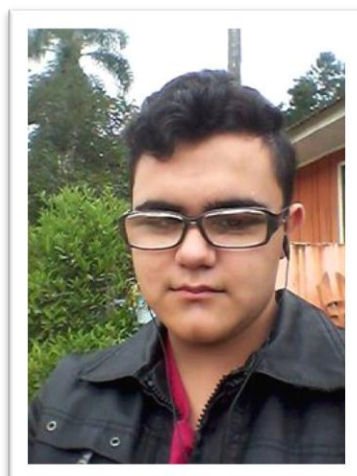
Meu filho Paulo Cesar, está com 39 anos, estado civil casado, tendo 01 filho o Pablo de 14 anos do primeiro casamento, possui o curso Técnico de Vigilante e atualmente trabalha como operador de máquinas na cidade Arcos, Estado de Minas Gerais.

FIGURA 19 – FAMÍLIA PAULO CESAR



Fonte: Arquivo Pessoal.

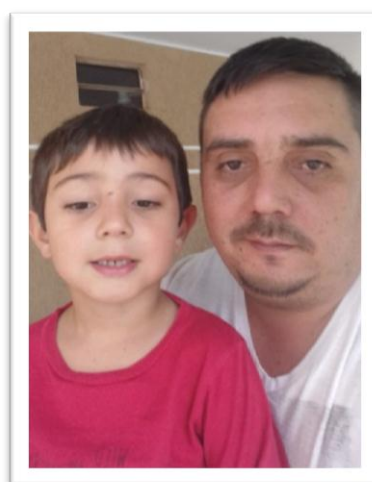
FIGURA 20 – MEU NETO PABLO



Fonte: Arquivo Pessoal.

Meu filho Milton Casemiro está com 37 anos, solteiro, tem 01 filho de 05 anos, estado civil solteiro, com Curso Técnico de Vigilante, atuava na área, mas no momento está afastado do trabalho por motivos médicos.

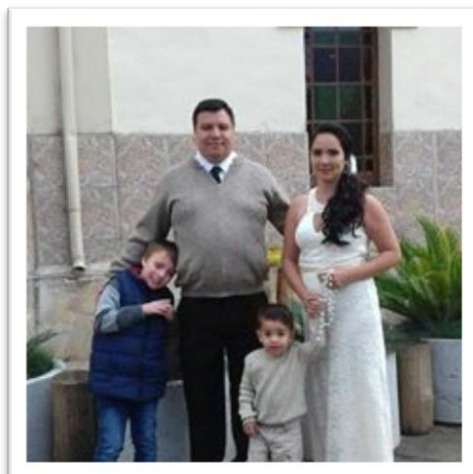
FIGURA 21 – FAMÍLIA MILTON CASEMIRO



Fonte: Arquivo Pessoal.

Minha filha Paula Leticia está com 35 anos, graduada em Administração de Empresas, sócia de seu marido Victor Hugo em uma Corretora de Seguros, tem dois filhos Victor Emanuel de 09 anos e Rafael Victor de 3 anos, sendo que o seu filho mais velho é TEA (transtorno Espectro Autista), um anjo que Deus nos deu para cuidar.

FIGURA 22 – FAMÍLIA PAULA LETÍCIA



Fonte: Arquivo Pessoal.

Das minhas melhores lembranças a que mais gosto é a da minha Infância com meus pais, onde ainda preservava a pureza de uma criança com sonhos e perspectivas de um dia alcançá-los.

As conclusões que tenho sobre a vida, são de que as mulheres devem ser independentes emocional e financeiramente de seus pais e parceiros, para que a convivência/relacionamento não seja baseado na dependência.

E um conselho que dei aos meus filhos e aos jovens é Estudar, estudar e estudar. Hoje em dia jovem sem estudo, limita sua capacidade e suas possibilidades de enxergar novas oportunidades, [...] vi em algum lugar que nunca houve ninguém arrependido de ter estudado e é nisso que acredito.

Sinto-me uma pessoa realizada profissionalmente, e em relação a minha família, pois tenho a certeza de que fiz o melhor que pude, e posso perceber que meus filhos são pessoas de bem, sempre busquei ser um bom exemplo, e ver como eles se orgulham de minhas conquistas e de minha história me deixa muito feliz.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste projeto autobiográfico apresenta o registro de memórias de uma mulher educadora, e espelha a realidade difícil vivida por muitas mulheres do Município de Cerro Azul.

Retrata as dificuldades enfrentadas pelos alunos de Escolas do Campo que no que diz respeito ao perfil socioeconômico da população rural, estudos mostram que ainda é grande a desigualdade existente entre as zonas rural e urbana, e que os desafios para uma oferta de educação de qualidade ainda persistem.

Para que mudanças ocorram se faz necessário promover iniciativas que saiam do papel como, por exemplo, a universalização do acesso à Educação Básica de qualidade para a população brasileira que trabalha e vive no e do campo, por meio de políticas públicas permanentes que incluam a construção de escolas no campo que sejam do campo, além da elaboração de currículos e a distribuição de material didático-pedagógico, que levem em conta a identidade cultural dos povos do campo e o acesso às atividades de esporte, arte e lazer.

Conclui com o levantamento de dados que houve uma mudança na forma como respondemos a violência, anteriormente as mulheres sofriam em silêncio por medo, vergonha ou dúvida, e hoje nosso país tornou-se referência internacional com a Lei 11.340/2006 – a Lei Maria da Penha, cujo diferencial é a forma de abordar o problema, propondo a criminalização e a aplicação de penas para os agressores, mas também medidas que são dirigidas às mulheres para a proteção de sua integridade física e de seus direitos. Contudo, para o cumprimento dos objetivos previstos na referida legislação, é preciso que sejam materializadas ações concretas pela União, estados, municípios, levando-se em conta que em um país vasto e diverso como o Brasil, o bom desempenho das ações públicas é condicionado a diferentes capacidades administrativas de diferentes esferas de governos.

REFERÊNCIAS

ANTUNES M. P. (2011) **Historias de Vida ou Método (auto) biográfico: Uma experiência na Formação de Educadores de Adultos.**

GASPAR M. M. G, PEREIRA F., PASSEGGI M. C. (2013) **Narrativas Autobiográficas – Metodologia e Práticas de Formação.**

SOUZA E. C. (2004). **Narrativas de Si – Narrativas do Itinerário Escolar e de Formação de Professores. Tese (Doutorado). Universidade Federal da Bahia - Faculdade de Educação. Brasil.**

SOUZA, Clementino de E. **(Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação.** Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186-04.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2018.

Violência contra mulheres no meio rural ainda é tabu no interior do Brasil : Disponível em: <<https://www.douradosagora.com.br/noticias/brasil/violencia-contra-mulheres-no-meio-rural-ainda-e-tabu-no-interior-do-brasil>>. Acesso em: 02 set. 2018.

Mulheres do Campo e da Floresta : Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/entenda-a-violencia/pdfs/mulheres-do-campo-e-da-floresta-diretrizes-e-acoes-nacionais>>. Acesso em: 02 set. 2018.

CERRO AZUL. Disponível em: < www.cerroazul.pr.gov.br>. Acesso em: 02 set. 2018.

PEREIRA ,Josiele R. PEREIRA ,Rosenildo da Costa .**Educação do Campo e Educação Rural no Brasil** ,2016:Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/15051>>. Acesso em: 04 set. 2018.

SANTANA,Ana Lucia .**Escola Rural** .Disponível em: <<https://www.infoescola.com/educacao/escola-rural/>>. Acesso em: 04 set. 2018.

CAETANO ,Maria R. ROSA ,Daniela Souza da . **Da Educação Rural à Educação do Campo: uma trajetória... Seus desafios e suas perspectivas.**2008 . Disponível em:<<https://www.portaltrilhas.org.br/download/biblioteca/da-educacao-rural-a-educacao-do-campo.pdf>>. Acesso em: 04 set. 2018.

CERRO AZUL. Disponível em <<https://www.guiadoturismobrasil.com/cidade/PR/811/cerro-azul>>. Acesso em: 09 set. 2018.

A Historia das mulheres brasileiras que foram a luta por Direitos .Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2017/03/historia-mulheres-brasileiras-luta-direitos.html>>. Acesso em: 22 nov. 2018.

PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO DO CAMPO . Disponível em:
<http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_educacaocampo.pdf>. Acesso em:
22 nov. 2018.

Educação do Campo: Diferenças Mudando Paradigmas .Cadernos SECAD
Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2018/02/violencia-contra-mulher-wania-pasinato.html>>. Acesso em: 22 nov. 2018.

Panorama da violência contra as mulheres no Brasil : indicadores nacionais e estaduais. – N. 1 (2016) . Brasília : Senado Federal, Observatório da Mulher Contra a Violência, 2016-. Disponível em:
<<http://www.senado.gov.br/institucional/datasenado/omv/indicadores/relatorios/BR-2018.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2018.